

AUTO-AVALIAÇÃO

Intensificam-se os esforços no sentido de tornar a Doutrina Espírita acessível a um número maior de pessoas.

É preciso a cooperação de todos para que as criaturas envolvidas em dramas existenciais ou processos obsessivos consigam vislumbrar perspectivas da libertação dessas tramas.

E você, o que está fazendo para que os benefícios recolhidos possam ser retribuídos à vida ?

No seu círculo de relações, no grupo familiar, que tipo de mensagem estás ofertando aos que te cercam ?

Como anda a censura dos pensamentos menos felizes que irrompem em sua mente ?

E a educação da emoção compulsiva que insiste em magoar e ferir o seu próximo ?

A quantas anda o esforço pela sua renovação interior ?

Conforme Kardec, já podes ser reconhecido pela sua transformação moral e pelo esforço que faz para dominar as suas más inclinações ?

Examine a você mesmo e terá a noção da realidade que o aguarda no retorno à verdadeira vida.

JULGAMENTO DOS LIVROS

Deolim Amorim

Quando eu era bem jovem, nos primeiros passos de minha “iniciação literária”, como se dizia naqueles tempos, fiquei muito impressionado com a leitura de um livrinho, que me empolgou, como se fosse uma das maravilhas do mundo, Os jovens de minha geração, sem outras motivações, lá na região onde nasci, eram muito chegados aos torneios literários, aos arroubos de oratória e às belezas poéticas. Apesar de tudo isto, apesar de pertencer a essa geração sonhadora mas saudosa, nunca fui um homem de letras nem jamais tive bossa para poesia. Minhas letras são muito precárias. . . Mas o certo é que fiquei entusiasmado com o fraseado gongórico, a forma rebuscada do livrinho e achei que devia guardá-lo como preciosidade bibliográfica. Conservei aquela impressão durante muito tempo e confesso que nunca mais voltei a folhear o admirado opúsculo, que me arrebatara na primeira impressão. Devia eu estar na casa dos vinte anos, se tanto.

Passaram-se os anos e, mais tarde, já no Rio de Janeiro, morando em república de rapazes, em São Cristovão, mostrei o trabalho a um companheiro, que havia sido estudante de Medicina e gostava de ler muito, também estimava a literatura. Tinha muito mais experiência do que eu, na realidade. Antes de tudo, ainda com a impressão dos vinte anos, pois não reli o trabalho, fiz o maior elogio, recomendei que fizesse a leitura demorada a fim de apreciar o primor da eloquência, etc, etc... Pois bem, o amigo leu, releu, anotou e, por fim, me disse, com toda a franqueza:

— Olhe, não vi nada de significativo. Apenas um palavreado rebarbativo, um estilo muito fofo, sem substância de pensamento...

Confesso que caí das nuvens, como se costuma dizer. Não gostei. Para mim, sinceramente, o companheiro de república não passava de um demolidor. Julgamento inteiramente injusto!

Muito mais tarde, já entrando pelos quarenta, já um pouco tarimbado no jornalismo profissional, resolvi reler o opúsculo, naturalmente com outras lentes e outra mentalidade, por força da experiência. Ri, e ri muito da minha ingenuidade, aos vinte anos, quando achei que aquele fraseado bonito,

mas vazio, continha algum veio de sabedoria.. . Verifiquei então que o amigo estava certo. E aprendi a lição que ficou até hoje.

Há pessoas que, ou julgam logo pela primeira impressão, ou encostam qualquer livro, apenas porque não gostam de duas ou três frases da primeira página. . . É um hábito intelectual de que nem mesmo alguns críticos literários se emanciparam. Entre nós, por exemplo, às vezes ouvimos dizer que certos autores clássicos do Espiritismo são maçudos e, por isso, ficam à margem, nem sequer são consultados. As obras de Gabriel Delanne [para não citar outros autores do mesmo nível) não podem ser leves, tão simples, como certas pessoas gostariam que fossem. Não. O que não é razoável, entretanto, é chamar de maçudo um livro como A Evolução Anímica, como O Espiritismo perante a Ciência, por exemplo. São livros alentados, um tanto volumosos, não há dúvida, porque são trabalhos sérios. Mas, indigestos, não! Os trabalhos de natureza científica não podem ter a suavidade dos romances. Cada coisa em seu lugar. Quando Carlos Imbassahy, o sempre lembrado Imbassahy publicou o seu grande livro A Evolução, livro dos mais instrutivos no

gênero, houve quem o julgasse pesado! Ora, uma obra como A Evolução, que trata de problemas complexos, entrando no campo da Biologia, da Antropologia, da Filosofia, etc. naturalmente não poderia ser reduzida a um folheto de leitura fácil.

Não nos devemos levar pela primeira impressão. Há ocasiões em que formamos opinião a respeito de um livro, apenas pela primeira leitura, feita sem muito interesse, e mais tarde, depois de uma leitura bem meditada, somos obrigados a mudar de opinião. É a lição que aprendemos com a experiência. A primeira impressão pode ser decisiva em nosso espírito, mas também pode dar uma idéia falsa do valor de uma obra. Há livros que não podem ser lidos por alto,

justamente porque são livros que fazem parar para pensar. A literatura espírita, que é muito rica, inegavelmente, tem obras de cunho literário, e que nos satisfazem com a primeira leitura, sem prejuízo do conteúdo doutrinário. Mas existem outras obras que exigem muita reflexão e senso crítico. Não podem ser lidas de uma assentada. São obras de tese, obras cujos autores oferecem uma contribuição própria ou procuram ampliar o campo já explorado. Ainda que não concordemos neste ou naquele ponto, não podemos deixar de aprofundar a leitura, demoradamente, pensando muito, assinalando as passagens menos comuns, e assim por diante, que isto quer dizer, em verdade, estudo da Doutrina Espírita!

EMMANUEL E A COMUNICAÇÃO

“Se o sábio não ajuda ao ignorante, a educação redundará em mentira perigosa”.

“Faz-se precisa a educação pessoal e coletiva; da primeira decorre o progresso particular; da segunda, a evolução do mundo e das suas leis”.

FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 20,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE: **ESTADO:** **CEP:**

Nota - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número apostado no canto superior direito da etiqueta de endereçamento.

TRANSPONDO O ABISMO

Blaise Pascal (1623-1662) foi genial matemático, físico, filósofo e escritor francês. Convertido ao Cristianismo, quis escrever uma apologia de sua crença. A morte o levou antes que pudesse concluí-la.

Mesmo incompleta, foi publicada.

Sob singelo título — Pensamentos —, temos um repositório de sabedoria, um, o filósofo Dono de estilo sintético e elegante francês produziu autênticas pérolas literárias.

Uma delas, talvez a mais famosa, destaca a essência de suas idéias:

O coração tem razões que a própria razão desconhece. Sua concepção filosófica estava norteada pelo confronto entre esses dois elementos básicos da personalidade humana: A razão, simbolizada pelo cérebro, que tende a privilegiar o palpável. O sentimento, representado pelo coração, que busca o inefável.

Crete fervoroso, convicto da continuidade da vida. além-túmulo, afirmava:

De tal forma a unortalidade da alimi nos diz res— JUNto C toca—nos [ao profntndameitc. que é preciso ter /)erlld() todo SQi timeii [o paro é'oi»iJúí~i i ('556 jrobLiiiti com indiferença.

Somos Espíritos, seres do Além.

A existência física é apenas um está2io. urna experiência compulsória nesta escola correcional que é a Terra.

Passamos muito mais tempo na pátria espiritual.

É natural, portanto. que tenhamos o sentimento da iiiortalidade.

Jntuitivamente, sabemos que a vida continua. Não morremos. Apenas nos transferimos para o Além.

Como dizia Guimarães Rosa (1908-1967): ficamos encantados.

O materialista é alguém que. intoxicado por esdrúxuLas concepções, perde a sensibilidade para os valores espirituais e passa a negar a própria imortalidade, como hipotético bebê pensante que se recusasse a crer em vida fora do útero materno.

Não obstante, Pascal também tinha dúvidas. Segundo uma lenda, via constantemente ao seu lado um abismo, símbolo da angústia causada por problemas de difícil solução,

como, por exemplo, a salvação.

Ligou-se inicialmente aojanseanismo, que a atribui a uma escolha divina — Deus teria seus eleitos.

Pascal sentia-se incomodado.

Essa concepção perpetra flagrante injustiça; uma arbitrariedade que ficaria bem aos soberanos despóticos da Terra, jamais ao Governador do Universo.

E a diversidade das condições humanas?

Como explicar o bom e o mau, o rico e o pobre, o virtuoso e o vicioso, o culto e o ignorante, o gênio e o idiota'?

Como aceitar que alguns sigam, tranqüilos, caminhos retos, enquanto outros se transviam facilmente, como se estivessem programados para o desatino?

Ainda aqui, uma escolha divina?

Deus tem preferência por alguns?

A outros pretere, negando-Lhes condições mínimas para uma existência compatível com a dignidade humana?

Intellectual brilhante. Pascal não digeriria essas congruências.

Há, realmente, um abismo, uma imensa perplexidade, quando confrontamos a decantada justiça do Céu com as injustiças da Terra.

Dois séculos mais tarde, em face de seus méritos, Pascal teria a honra de colaborar na

codificação da Doutrina Espírita.

Mensagens suas foram publicadas em O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo e Revista Espírita.

Transposto outro abismo, aquele que separa a Terra do Além, Pascal revela ter superado inteiramente suas dúvidas, consciente de que Deus não tem preferências nem “preferências” — somos todos seus filhos.

Sob suas bênçãos, estamos todos a caminho da perfeição!

Seremos um dia prepostos do Senhor, desfrutando da suprema felicidade de uma plena integração nos ritmos da harmonia universal!

E tanto mais depressa chegaremos lá, realizando os mais gloriosos sonhos de felicidade e paz, quanto maior o nosso empenho em superar o grande entrave de nossa evolução, no estágio em que nos encontramos:

O egoísmo.

Esse sentimento desastroso, que nos leva a cuidar do próprio bem-estar e “o resto que se dane”, gera e sustenta quase todos os males humanos. É o que ele nos diz na mensagem publicada em O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo XI, onde acentua:

O egoísmo é a negação da caridade. Ora, sem a caridade não haverá descanso para a sociedade humana. Digo mais: não haverá segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, a vida será sempre uma carreira em que vencerá o mais esperto, uma luta de interesses, em que se calçarão aos pés as mais santas afeições, em que nem sequer os sagrados laços da família merecerão respeito. Já durante a existência física Pascal tinha percepção desse problema fundamental da Humanidade, tanto que afirma, taxativamente, em Pensamentos: O eu é odioso.

FONTE
Lourenço, Sergio; VOZ DA ALMA

SÉRIE PERSPECTIVAS DA SOBREVIVÊNCIA

6 - O CÉU E A FELICIDADE DOS ESPÍRITOS

Walter Barcelos

Uma das modalidades da exteriorização é o afastamento mais ou menos prolongado do Espírito, com todas as características de uma viagem pelo Espaço, cheia, algumas vezes, das peripécias comuns aos viajantes.

No sono natural, a exemplo do sono provocado, o espírito liberto tem percepções que não lhe seriam permitidas em vigília, pelos embaraços que o como lhes opõe. Temos então os relatos de viagens a lugares conhecidos ou estranhos, dos encontros com vivos ou mortos, os avisos, as revelações extraordinárias, a premonição. Tudo é levado a conta de sonhos... Seriam para a Ciência reminiscências, retalhos da vida cotidiana, ou então perturbações do cérebro, do estômago, do fígado, quando não entramos no terreno freudiano.

E como se trata de sonhos, não se lhes presta atenção. À miopia científica vem juntar-se a empáfia dos “espíritos esclarecidos” e o assunto, que se prestaria a grandes estudos e nos proporciona grandes ensinamentos, fica lançado nos rincões da fantasia. Mas o caso é que se registram provas patentes da presença e da ação do dormente, conhecidas agora ultimamente como fato supranormal:

“Mr. Newnham vê-se, em sonho, de repente, transportado para perto de sua noiva, em lugar distante; sente que lhe toca, e ela, perfeitamente acordada, sente que é tocada pelo noivo. A surpresa é mútua quando cada qual conta o sucedido”.

O vigário Boyle quando morava na Índia vê em sonho o sogro, então residindo em Brighton, na Inglaterra, e que supunha perfeitamente hígido, estendido na cama, muito pálido, enquanto a sogra atravessava silenciosamente o quarto para administrar-lhe os medicamentos. Dissipada a visão, continuou a dormir, sem mais se preocupar com o sonho. Mais tarde recebe a notícia do falecimento do sogro e depois a confirmação dos detalhes. Frederico Myers, que nos apresenta uma compilação de casos que tais, escreve: “Os fatos que temos citado mostram que, muitas vezes, durante o Sono ordinário, a alma abandona o corpo e conserva, de modo mais ou menos confuso, o que ela viu durante sua

excursão clarividente”

E ainda: “Os pacientes afirmam muitas vezes ter revisto no sono cenas terrestres e verificado mudanças que se haviam produzido efetivamente desde que visitaram, em vigília, tais lugares pela última vez.”

Ao grande Psicólogo, não escapou essa viagem do Espírito durante o sono. E que os fatos não podem ser ajeitados à feição das doutrinas. senão niw -derivam dos fatos. Tais fenômenos já foram amplamente observados e devidamente registrados em várias obras, e delas poderemos destacar os Proceedings of Society for Psychical Research, o Journal of Society for Psychical Research, e o trabalho de Gurney, Myers e Podmore Phantasms of the Living. Myers declarava em Personalidade Humana: “Está provado para mim que certas manifestações de individualidades centrais associadas atualmente ou anteriormente a organismos definidos, foram observados independentemente desses organismos, quer durante a vida deles, quer após a morte.”

E, tratando do hipnotismo: “Nos estados profundos a alma pode, em parte, distrair sua atenção do organismo e levá-lo a alguma outra parte, podendo retomar instantaneamente sua atitude para com o organismo. Produz-se a morte corporal quando a atenção da alma é completa e irrevogavelmente desvi-

ada do organismo, que, por causas físicas, se tomou incapaz de conformar-se com a direção do espírito.”

Vejamos ainda alguns exemplos, que resumimos o mais possível. Há o citado por Varley, o genial electricista britânico: “Eu fizera estudos sobre a faiança e os vapores de ácido fluorídrico me causaram espasmos da glote. Como costumasse acordar com ataque espasmódico, aconselharam-me a ter sempre à mão éter sulfúrico; e como seu odor me fosse insuportável, passei a usar clorofórmio. Certa noite, quando se produziu a insensibilidade, tombei de costas com a esponja sobre a boca.

“A esposa amamentava uma criança em outro quarto. Pouco depois, via a mulher num quarto, e a mim, no mesmo tempo, deitado de costas, com a esponja nos lábios, sem poder fazer qualquer movimento.”

Por esforço de vontade, Varley fê-la compreender que ele corria perigo. Ela para logo se levantou, tomada de alarme, foi ao pé do marido e lhe retirou a esponja. O marido reuniu suas forças para dizer-lhe: “Vou esquecer tudo isso, bem como a maneira por que o fato aconteceu, a menos que o recordes amanhã. Não deixes, pois, de dizer-me o que te forçou a vir até mim.

No dia seguinte, ela seguiu fielmente a recomendação; e ele de fato esquecera tudo, até que, com o correr do dia, lhe veio à mente todo o episódio. Delanne observa que não se podia tratar de sonho, desde que houve fatos materiais como a intervenção da Sra. Varley. Trata-se de narrativa de pessoa que conta o que lhe sucedeu. O catedrático americano J. Flyslop narra o seguinte:

“A uma jovem de 24 anos foi administrado um anestésico por ocasião de uma operação cirúrgica. Conta ela:

“Pareceu-me estar livre no aposento e me sentia eu mesma, bem que sem o como. Via-se transformada em Espírito, e acreditava ter

alcançado a paz depois de tantas dores. Contemplava meu corpo estendido, inerte, na cama. No quarto achavam-se duas irmãs de minha sogra, uma das quais, sentada no leito, aquecia-me as mãos, enquanto a outra ficava de pé, ao lado. Não desejava de forma alguma voltar ao como, ao qual, por fim, me senti arrastada, muito contra minha vontade. O que há de mais curioso é que, logo ao acordar, perguntei: — Onde está a Sra. XI.? Ao que minha sogra observou: — Como sabes que ela veio cá?” Tratando do duplo etérico, que é o perispírito, diz o Dr. Antônio Freire que ele tem funções biológicas, fisiológicas e mediúnicas. E estabelece mais cinco funções, de que transcrevemos a segunda: “Desprender-se do corpo físico, exteriorizando-se em condições particulares (sono fisiológico, narcotizações, hipnotizações, autodesdobramento espontâneo, etc.), projetando o duplo a distâncias quase ilimitadas, animado de velocidades vertiginosas, levando consigo toda a sua individualidade psíquica, corporizando-se por vezes, ficando invariavelmente ligado ao como físico, pelo cordão astral, resistindo a todas as forças. Os Espíritos que alcançaram o grau máximo de hierarquia espiritual contemplam a visão do Criador onde estiverem, porque Deus está em toda parte no Universo. Deus é amor, a vida é só amor, a Criação em todo lugar do Universo nasceu do amor profundo e infinito físico-químicas e naturais, atravessando todos os obstáculos, por mais densos que sejam, como a luz atravessa os corpos transparentes. “Este fenômeno, já muito vulgarizado e bem estudado por alguns experimentadores, é designado, indiferentemente, pelas seguintes denominações: saída em astral, desdobramento, exteriorização do duplo, bilocação, bicomoreidade, etc. “A saída em astral é uma projeção do duplo, limitada no tempo e no espaço — uma desintegração

seguida duma reencarnação — enquanto que a morte, ou mais precisamente, a desencarnação, é a saída em astral definitiva. “A morte, em última análise, é o rompimento completo e integral do cordão astral. Só assim o perispírito readquire a sua liberdade ascensional para o mundo astral.”

Aquele notável médico português define, em síntese muito clara, o que é o desprendimento do ser espiritual, na vida do como, e não deixa dúvida sobre o que é o fenômeno e quais os seus trâmites. Para corroborar a veracidade da exteriorização e demonstrar que o Espírito desprendido se achava distante do como e nos lugares que disse ter percorrido, háos casos em que ele é visto nesses lugares por terceiros, os quais confirmam muitas vezes outros dizeres do “viajante”. Ilustremos a assertiva: Conta a Sra. Bardelia que habitava no Auvergne quando teve que sofrer uma operação. O marido escrevia-lhe dando sempre notícia dos filhos. Certa vez não recebeu ela a costumada carta do cônjuge e à noite sonhou que se achava no quarto do filho mais velho, de nome João. Ficava em pé, perto da cama do filho e olhava ansiosa para o marido que, munido de tim pincel, fazia embrocações na garganta do menino. Aflita, contou o sonho à mãe, que o atribuiu à exaltação de febre. No dia seguinte o marido lhe comunicava que a criança tivera difteria, e a missiva terminava assim: ‘O pobre pequeno, em meio aos seus sofrimentos, não esquece a sua mamãe. Quando me levantei à noite passada a fim de pincelar-lhe a garganta, disse ele em pranto: Por que mamãe está ao pé da cama e não me abraça?’ Leo Primaresi Lia em seu quarto, quando teve a impressão de achar-se na casa de um seu amuzo: havia ali uma luz forte; deviam ser 23h47m. Indo visitá-lo no dia seguinte, disse-lhe a dona da casa: “Eu o vi ontem; antes de dormir, estava terminando pequena tarefa, quando o percebi num canto

do quarto, vestido de preto: por fim desapareceu como uma nuvem que se evapora. Era meia-noite menos um quarto.” A lâmpada forte estava na posição em que ele a vira, e ele no momento vestia de preto. (Sr. John Laxv. católico, narra que acabara de deitar-se quando, como num sonho, o Espírito se elevou íbra do corpo, deixou o quarto para voltar num intervalo de inconsciência. Mais tarde, uma velha perguntou porque tinha passado na rua perto dela sem falar-lhe. As revelações dos médicos revestem-se de grande valor. Não nos furtemos pois ao prazer de apresentá-las. Esta é do Dr. Thomas Melligan: “Tive a impressão de que uma de todas as alegrias da vida, sem nunca haver conhecido pena, desgosto, sofrimento, uma dor qualquer. Era a completa tranqüilidade celestial que experimentava nessa região de perfeição absoluta.”) O Dr. Quartim, reportando-se ao fenômeno por que passara, declara: “O que experimentei foi um sentimento delicioso de absoluta liberdade.” EM. Costa referindo-se ao seu desprendimento por asfixia, em consequência da fttmaça de um candieiro, exclama: “Nunca tive tão clara a sensação de viver como no momento em que me senti separado do corpo.” Trarieux d’Egmont, curioso por saber o que eram tais fenômenos e as sensações que produziam, resolveu experimentá-los em si, o que conseguiu. Escreve então: “Todas as noções seculares de peso, aprisionamento, impossibilidades, desapareceram como por encanto. Era um estado natural e feérico.” Um especialista em tais casos assim descreve as sensações do Espírito, nessa separação temporária: “A saída para o Astral dá uma sensação especialíssima: experimenta-se um como estremecimento; há a impressão de que se vai cair, bem como a de elevar-se; isto da primeira vez, pois as sensações se vão modificando até que verifique o Espírito que ascende no espaço, que pode atravessar paredes e que já não está no corpo.)

O BOM SENSO

"Porque não ajulzais por vds mesmos daquilo que é justo?" (Evangelho.)

"Tu, porém, guarda o bom senso em todas as coisas." (Paulo a Timôteo)

O pedreiro, no desempenho de seu labor, lança mão, a cada passo, do prumo e do nível, O navegante tem os olhos na bússola que lhe dirige a derrota. Manejando o leme, aparelho simples e de pouca aparência. os timoneiros imprimem direção, tanto aos barcos modestos como às grandes naus que singram a imensidade dos mares. Graças aos movimentos isócronos do pêndulo, os relógios marcam, com exatidão precisa, as mínimas frações do tempo.

Da mesma sorte, existe algo no homem que orienta seus passos, que determina a natureza de sua conduta, que regula suas palavras, que joeira seus pensamentos: é o bom senso. Sem aquele predicado, tão modesto que qualquer pessoa o pode possuir, o homem é o pedreiro sem prumo e sem nível, é o barco sem leme, é o navegante sem bússola, é o regulador sem pêndulo. O bom senso é que valoriza as qualidades do espírito. Onde não há bom senso, os mais preciosos predicados se desmerecem, os mais brilhantes dons se desluzem. É semelhante às vias férreas que valorizam todas as regiões por onde passam. Sem elas, que valor têm as terras, por mais férteis e produtivas que sejam? Do mesmo modo, que valor tem a inteligência, o saber e a erudição, sem uma dose, ao menos, de bom senso? Que falta ao rico avarento que imobiliza sua fortuna, e ao rico perdulário que dissipa seus bens em regabofes e orgias? Uru e outro carecem de bom senso. Que representa a mais peregrina beleza feminina, refulgindo através da graça e do espírito, mas desacompanhada de bom senso? E' fogo-fátuo, é fosforescência do mar: nada mais. Tudo o que é em demasia, sobra; tudo o que é de menos, falta. Como achar o justo peso, a justa medida, a retidão, a equanimidade? Com o bom senso, mas só com o bom senso. O critério em tudo se faz mister. Com ele, as coisas boas são mesmo boas; sem ele, as coisas boas e belas se desvirtuam e se des-

lustram. A mesma virtude, seja esta ou seja aquela, está na sua dependência. O trabalho — que é uma virtude — sem o bom senso torna-se infrutífero. Quanta gente há que moureja desde que o Sol se levanta, no oriente, até que se põe, no ocidente, sem que, de tanta faina, lhe advenha o desejado conforto material, o almejado sossego espiritual? Qual a causa do insucesso? A carência de bom senso no trabalho. Porque há pessoas que ganham pouco e vivem bem, e outras ganham muito e vivem mal? E' porque aquelas têm, e estas não têm o bom senso necessário para equilibrar a receita com a despesa. A própria fé, despida de bom senso, ao invés de elevar o crente aos páramos da luz, precipita-o nas regiões confusas e ensombradas do fanatismo. A capacidade de ajuizar e discernir com acerto, o critério, o bom senso, em suma, é um predicado suscetível de ser desenvolvido como qualquer outro.

Depende da auto-educação do nosso espírito. O que denominamos inteligência, razão, consciência, vontade, etc., não passa, em realidade, de manifestações do espírito. O espírito é tudo. A religião do espírito, promovendo a obra de nossa auto-educação, desenvolve a inteligência, aclara a razão, afirma a vontade, aperfeiçoa a consciência e cria o bom Senso. O Espiritismo, restaurando o vera Cristianismo, éa religião do espírito. Flammarion, apelidando Kardec de bom senso encarnado, falou como profeta.

O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

Interessar-se pelo conhecimento da Doutrina Espírita, acaba gerando no jovem perquiridor de nosso tempo, dúvidas e mais dúvidas sobre pontos que não se encontram ampla e explicitamente tratados nas obras disponíveis.

Essa a razão pela qual mantém-se este espaço de **"INFORMAÇÃO."**

Envie para a Caixa Postal 45307/Ag. Vila Mariana/CEP 04019-970/São Paulo (SP), suas dúvidas anotadas numa folha de papel.

A partir daí, basta acompanhar as novas publicações da seção **JUVENTUDE** para encontrar o esclarecimento que Você procura.

BONDADE DE DEUS

"Muitas vezes me surpreendo duvidando de Deus, porque acho que a vida poderia ser melhor se Deus me ajudasse nas horas mais difíceis. Tenho uma vida muito difícil e, nem bem me vejo livre de um problema, surge outro. Agora mesmo, estou com um problema de saúde e não vejo solução. Quero saber onde Deus entra nisso. Se a gente está sendo sincero e bom, porque Deus não ajuda? Vejo pessoas, que tem uma vida desregrada, e não passam por estes problemas." (ADAMASTOR PEREIRA, MARÍLIA-SP)

A sua pergunta se resume no seguinte: você quer saber em que consiste a Justiça de Deus, talvez inconformada com os seus problemas. Vamos tentar responder esta questão em duas partes. Primeiramente, se você não conhece o Espiritismo, precisa saber que, pela Lei de Causa e Efeito, nada acontece por acaso em nossa vida. Tudo tem uma razão de ser: a dor e o prazer, a alegria e a tristeza. Não estamos na Terra pela primeira vez e se, aparentemente, estamos sofrendo uma injustiça, resta saber como a nossa vida vem se desenvolvendo do passado, de outras encarnações, para que chegássemos ao ponto que chegamos, para que sofrêssemos o que estamos sofrendo hoje. Não há ira, nem castigo de Deus: há, apenas e tão somente, um encadeamento

de causas e efeitos (Lei Natural ou Lei Divina), que redundam na experiência de vida de cada um de nós. Aquilo que chamamos sofrimento - ou seja, toda situação de desconforto físico ou moral - decorre de nossas necessidades evolutivas e são indispensáveis para o nosso crescimento. Mas, se você busca toda felicidade na Terra, sua frustração será imensa, pois, por este planeta, estamos apenas de passagem; não é uma experiência para a felicidade completa. Isso não quer dizer que nos acomodemos aos problemas e dificuldades naturais de nossa existência; pelo contrário, precisamos lutar pelos nossos bons objetivos até o limite de nossas forças. Cada Espírito percorre o seu caminho e, ao longo dele, passa por situações adequadas às suas condições de progresso. Além do mais, o seu julgamento a respeito da vida de outras pessoas baseia-se apenas numa visão superficial e ilusória: todos - absolutamente todos - sofrem neste mundo, seja de uma forma ou de outra; nós é que não sabemos o que se passa no íntimo de cada um. Leia, com atenção, em O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO de Allan Kardec, o capítulo "Bem-aventurados os Aflitos", os dois itens: "Causas Atuais das Aflições" e "Causas Anteriores das Aflições", para perceber com mais detalhes o que está se passando na sua vida. Em segundo lugar, é

JUVENTUDE

preciso saber em que deus você acredita. Existe o deus antropomórfico, criado pelo homem, que tem todas as características humanas. Esse deus - como no tempo de Moisés - tem seus protegidos e também seus inimigos: não é preciso dizer que ele ajuda os primeiros e prejudica os outros (consulte os primeiros livros da Bíblia e você verá). A maioria das pessoas parecem acreditar na existência desse modelo de deus e se dirigem a ele, como se dirigisse a uma pessoa humana, esperando reações diversas conforme seu estado de humor. Quando conseguem seus intentos, acreditam que foram ajudadas; quando não os conseguem, consideram-se esquecidas ou prejudicadas, como você. Por isso, esse modelo de deus não é compatível com a Justiça e com o Amor, porque não passa de um deus-homem, com suas paixões e caprichos. Jesus nos passou um Deus Perfeito, que não esquece ninguém, que não desampara ninguém, que não tem preferências sobre este ou aquele, que tudo já providenciou para todos (a Providência Divina), deixando a cada um a liberdade de seguir o próprio caminho. Este Deus, que criou o Universo e o homem, já nos deu tudo que precisávamos para evoluir em busca da felicidade, mas, como Ele quer sejamos perfeitos para sermos felizes, deu-nos sobretudo o poder de dirigir nosso próprio destino e alcançarmos a nossa suprema realização pelos próprios méritos. Leia em 'O CÉU E O INFERNO' de Allan Kardec, o capítulo "Código Penal da Vida Futura" e a obra de Fernando Ortiz, "A FILOSOFIA PENAL DOS ESPÍRITAS", Editora LAKE.

CULPA DEPOIS DA MORTE

"Por que muitos Espíritos, talvez a maio-

ria, se sentem culpados, depois da desencarnação?" ELISZANGELA MARTINS ZANI - São Carlos - SP

Porque sentem que não fizeram o que deviam ter feito em vida ou fizeram o que fazer não deviam. A desencarnação nos desveste não só da roupagem física, mas pode nos desvestir também de alguns valores menos dignos que alimentávamos na Terra. Muitas pessoas só vão valorizar seus familiares, seus amigos, sua coletividade, quando se vêm do outro lado da vida, quando sentem que perderam a oportunidade de conviver bem e de desfrutar da companhia daqueles que lhes são caros. Nunca lhes dirigiram uma palavra de aprovação ou de carinho, nunca lhes estendeu a mão ou lhes deu um abraço, nunca os apoiaram ou os ajudaram em algum empreendimento. De repente, percebem que perderam tudo e aí vêm o remorso, o sentimento de culpa, a idéia de Deus, a concepção de uma vida eterna e um julgamento implacável desfere de sua consciência contra elas mesmas. Então explode o desespero, muitas vezes, por sentirem que já entraram na eternidade das penas, pois começam a sofrer e não sabem quando tudo termina. A desencarnação, quer queiramos ou não, reserva-nos algumas surpresas desagradáveis. Por isso, seria bom que começássemos a nos reformular ainda hoje, passando a pôr em prática tudo aquilo que a nossa consciência moral nos tem mandado fazer, malgrado a nossa desobediência. Os recém-desencarnados costumam ser educados e dóceis para com os seus, porque, cientes da grande oportunidade que deixaram escapar, querem fazer agora por eles tudo o que não fizeram quando estavam na Terra.

PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

É grande o número de crianças e adolescentes com dificuldades para redigir, resolver problemas e conseguir exprimir-se com criatividade.

Decoradores exímios, passarão nos vestibulares, mas levarão uma vidinha morna, na incapacidade dos vãos mais altos do pensamento.

Não foram preparados para pensar, analisar, criar.

Das escolas da periferia chega um grande número de crianças e jovens lesados, psiquicamente, por uma sociedade cruel e injusta; pessoas que não conseguem ler ou lêem mal e não interpretam o que leram. A promoção automática é um crime, pois as possibilidades de aprendizagem dos indivíduos não permitem que os educandos refaçam a fase malcompreendida. E proibido repetir de ano ainda que não saiba nada. Resultado: jovens condenados ao desemprego, a subempregos, incapazes de competir com a classe privilegiada economicamente, também malpreparada, mas apta e com oportunidades para que decore o que lhe possibilite a perpetuação da cúpula da sociedade.

Escolas, profissionalmente, preparam jovens, para trabalharem em computadores, mas os erros ortográficos não são trabalhados. Transformam-se em profissionais pouco capazes, porque ficaram sujeitos a indiferença de uma sociedade que os marginalizou pelo simples fato de terem nascidos pobres. Malformados intelectualmente e, às vezes, até moralmente.

Mas, entre os privilegiados economicamente falando, surgem os malformados intelectualmente e moralmente, porque apenas a escola não dá preparação para viver bem, com dignidade e com possibilidade de criar um mundo interior rico e confortável.

O problema só será sanado com uma melhor preparação dos pais e educadores e uma reflexão sobre os objetivos desejáveis para um aprimoramento social, para a construção de uma sociedade, na qual cada um cumpra os seus deveres e lute por seus direitos à luz da Razão, sem violência e sem armas. Em muitas escolas, inicia-se a alfabetização no jardim de infância, pelo desejo de impressionar os pais, não atendendo às necessidades dos pequenos de aprenderem brincando, de esperarem a maturidade, a conservação da quantidade, o

desenvolvimento da lateralidade, o discernimento das formas, para so, então, ensinarem a ler e escrever.

A matemática é apresentada do mesmo modo, não permitindo a compreensão, mas uma decoração ineficaz.

o desenvolvimento da leitura e escrita depende do amadurecimento do indivíduo, para que ele goste de ler e escrever.

À medida que os grandes educadores como Pestalozzi, Piaget, Emilia Ferreiro, Paulo Freire e outros forem mais bem compreendidos, outros serão o funcionamento das escolas e o comportamento dos pais educadores.

A criança constrói o seu conhecimento, através dos brinquedos e das brincadeiras, alguns dos quais atravessam os séculos.

Pular, jogar peteca, subir em árvores e construir os seus brinquedos com sucata são experiências indispensáveis.

Professores inexperientes, mal-informados, indiferentes, incapazes, iniciam a alfabetização em períodos inadequados ao desenvolvimento infantil, e o resultado tortura o indivíduo que não gosta de ler, que odeia livros, que tem dificuldade de pensar...

Ou mudamos a escola ou o homem do futuro

será um robô inexpressivo...

A criança precisa trabalhar, observar o mundo a sua volta, a Natureza, enxergando, “com olhos de ver”, as formas. Os círculos, os quadrados, os triângulos; nas coisas feitas pelo homem as formas geométricas são uma constante: portas, bolas, almofadas, cadeiras, carros, que permitem encontrar os desenhos que possibilitarão, depois, entender o formato das letras. Empinar uma pipa no céu muito azul, ou cinza, propicia experiências magníficas às crianças: desenvolvimento espacial, sensibilidade para com a beleza das cores, certeza da confiança em suas possibilidades de controlar o corpo e os objetos a sua volta, domínio das emoções, sociabilidade etc...

O educando deve mexer na terra, plantar e colher, mesmo em pequenos vasos. Entender a transformação da semente em planta.

Visitar os bichos em seu hábitat, e se for impossível, pelo menos no zoológico. Acariciar pequenos animais. É vivendo que o indivíduo desenvolve, plenamente, o seu arsenal cerebral, o seu sistema nervoso, a sua capacidade de agir de forma mais racional. Criança amada, respeitada em suas necessidades, desenvolverá as várias inteligências, o cognitivo, o emocional, o equilíbrio, a capacidade de viver bem e com

alegria. A corda, usada em campeonato, para pular, para formar desenhos no chão; o pião, enrolado no barbante, atirado ao chão em círculos de tamanhos variados auxiliam na formação de imagens mentais que facilitam a aprendizagem. Construir castelos na areia, casas e homens com argila, túneis com peças de madeira auxiliam no desenvolvimento das células especializadas na captação da realidade exterior. Se no jardim e no pré o educando for bem trabalhado com alegria, sem ansiedade e cobranças absurdas, cumprirá as etapas necessárias ao seu desenvolvimento; chegando ao momento certo, dentro do seu ritmo, causará aos pais e educadores surpresas muito agradáveis. E será, pelos anos em que viver, um ser mais feliz, responsável e criativo. Assim como uma árvore só dá frutos no momento certo, o educando só produz, quando bem preparado; preparo que não se exprime pela possibilidade de decorar letras, sílabas, palavras, mas na compreensão da finalidade do existir e do compartilhar com o outro a experiência máxima que é viver...

Só o amor educa de forma a transformar o ser em um indivíduo que se expressa no fermento que leveda a massa.

FORTE
O ESPÍRITA FLUMINENSE

FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 20,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE: **ESTADO:** **CEP:**

Nota - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número